

# Acordo azeda o clima na Frente Trabalhista

132

‘Não aceito que o PPS apóie Amin. Não me rendo à esperteza eleitoral’, diz Freire

Isabel Braga  
e Adriana Vasconcelos

● BRASÍLIA. À medida que se amplia o apoio do PFL à candidatura Ciro Gomes, as relações entre os três partidos da Frente Trabalhista (PPS, PTB e PDT), que já não eram boas, estão se deteriorando ainda mais. Depois do racha no Rio Grande do Sul, no Paraná e em Pernambuco, a adesão do senador Jorge Bornhausen (PFL-SC) e a negociação com o governador de Santa Catarina, Esperidião Amin (PPB), provocaram a retirada de última hora do apoio do PDT e do PTB à candidatura de Sérgio Grando (PPS) ao governo do es-

tado. Tanto líderes do PPS quanto do PTB reconhecem as dificuldades com o PDT, mas garantem que o que mais importa é a eleição de Ciro.

— São problemas locais, que não vão contaminar a aliança nacional. Ciro vai governar o Brasil, não pode ser contestado por questões regionais — minimizou o presidente nacional do PPS, senador Roberto Freire (PE).

— Não arredondamos as relações na maior parte dos estados, mas o importante é a eleição de Ciro — confirmou o líder do PTB na Câmara, Roberto Jefferson (RJ).

Em Santa Catarina, a negociação com Bornhausen e Amin foi articu-

lada pelo secretário nacional do PDT, Manoel Dias (SC), e pelo presidente nacional do PTB, José Carlos Martinez (PR). E não irritou apenas o PPS, mas também alguns candidatos do PDT, como o deputado Fernando Coruja (SC), que ainda quer lutar na Justiça Eleitoral para manter o apoio ao PPS, aprovado em convenção do PDT.

## “O PFL está entrando numa aliança que já tem um projeto”

A intenção inicial era garantir a desistência de Grando, o que ajudaria a evitar um segundo turno entre Amin e o candidato do PMDB, Luiz Henrique. Freire não aceitou.

— Se Bornhausen e Amin querem votar em Ciro, tudo bem. Mas não aceito que o PPS apóie Esperidião Amin em Santa Catarina. Não me rendo à esperteza eleitoral — afirmou Freire.

Para o presidente do PPS, os partidos que estão se engajando agora na candidatura Ciro devem ter clareza de que estão aderindo a um projeto que já estava construído e tem um rumo traçado. Ele não teme que a adesão do PFL à candidatura Ciro Gomes altere o rumo de um possível governo da Frente Trabalhista e que o PPS acabe aliado do processo.

— O PFL está entrando numa aliança que já tem um projeto. É até legítimo que influencie politicamente, mas o compromisso é outro e Ciro tem suficiente sensibilidade para saber que seu êxito está na política de centro-esquerda que o PPS prega. Se a adesão mudar esse rumo, quem perde é Ciro e sei que ele tem consciência disso — disse Freire.

Foi por essa razão que Freire se opôs frontalmente a uma aliança formal com o PFL. A tentativa do PTB, com o aval de Leonel Brizola, presidente nacional do PDT, de formalizar essa aliança provocou a primeira crise entre os três partidos da Frente Trabalhista. Brizola defendeu a aliança desde o primeiro momento, mas Freire se opôs e ela acabou não se concretizando. Até hoje petebistas e pedetistas lamentam o fato, pois uma coligação formal com o PFL garantiria a Ciro Gomes 15 minutos diários no horário eleitoral gratuito.

Roberto Freire também não concordou em fazer intervenções em diretórios regionais, como o do Rio Grande do Sul, para garantir que o PPS se aliasse a partidos aos quais sempre se opôs. Em Pernambuco, o PDT e o PTB retiraram apoio ao PPS, que está com o PMDB de Jarbas Vasconcelos.

Segundo um interlocutor do PPS, não há relação de hostilidade entre os três partidos, mas diferenças políticas. O que ainda os une é o projeto Ciro Gomes. ■